

O MUNDO BARROCO DE AFFONSO ÁVILA^[*]

Ronald Polito^[**]

Quero agradecer a Tânia Dias e Myriam Ávila, organizadoras deste evento, e a Júlio Castañon Guimarães, pelo convite, e dizer que é realmente uma grande felicidade estar aqui para lembrar Affonso Ávila, um dos homens impressionantes de nossa cultura na segunda metade do século passado e do início deste. São mais de cinquenta anos publicando livros e atuando em várias frentes ao mesmo tempo.

Parece que biografia e obra se articulam profundamente e que seja possível esclarecer como isso se dá, de que modo os trabalhos e as atividades de Affonso se correlacionavam, indicando as vias de passagem entre poesia, crítica, história, atividade institucional e presença pública. Ao pensar o tema do barroco, tendo em conta que ele foi um dos intelectuais mais proeminentes do país nesse campo, tanto é possível observar como ele considerava o romantismo e o modernismo brasileiro quanto o que seria a tarefa do poeta contemporâneo, já que sua reflexão sobre o barroco se articula com a leitura dessas tradições e com a tarefa do poeta no presente. Em outra direção, a questão do barroco vai além do campo da pesquisa do passado colonial, exteriorizada em livros e periódicos, pois ela se articula com a atividade de Affonso ligada ao patrimônio histórico, que é fundamental para a história da área, como veremos na apresentação seguinte, de Josanne Guerra Simões, e com a organização de grandes eventos reunindo pesquisadores do Brasil e do mundo, que criou efeitos variados ao longo dos anos. E seguindo adiante, ou melhor, indo para o centro, já que Affonso Ávila é, sobretudo, poeta, são também diversos os modos pelos quais podemos perceber a leitura do barroco como uma das camadas que se apresentam nos poemas, tanto em termos vocabulares, sintáticos, de apropriações, quanto de composição formal do poema, sua imagem, sua organização espacial e tipologias. Os próprios títulos de dois de seus livros de poemas iluminam o que estou comentando: *Cantaria barroca* e *Barrocolagens*.

Não é o caso, também se percebe, de pôr em primeiro lugar o barroco nessa arquitetura. Pelo contrário, creio que é a compreensão que Ávila desenvolveu sobre suas tarefas no presente que orientou a ida ao passado e determinou o privilégio do barroco, no qual encontrou variados elementos que guardavam correspondências com seu tempo, tornando-se, então, de mão dupla a via entre barroco e presente. Por outro lado, é preciso considerar que seus estudos sobre o barroco são sua principal contribuição histórico-crítica sobre nosso passado.

Além dessa questão geral, aqui vou tratar estritamente da produção acadêmica, não havendo melhor termo, de Affonso Ávila relativa ao barroco, deixando de fora a poesia, a crítica da tarefa do poeta contemporâneo, sua atividade junto ao Iphan e presença no Centro de Pesquisas do

Barroco Mineiro, os eventos que promoveu e outras intervenções na órbita do patrimônio histórico. Vou abordar, portanto, seus livros de natureza histórico-crítica, as edições que preparou de documentos e os periódicos que publicou, nos quais divulgou não apenas textos, mas muito material iconográfico. Talvez assim seja mais fácil retornar à questão geral no fim.

O ingresso de Affonso Ávila no campo de estudos do barroco se inicia com um trabalho marcante, um clássico que continuará repercutindo nas pesquisas da área, pois já são vários os trabalhos de pós-graduação ou não baseados nele. Trata-se do livro *Resíduos seiscentistas em Minas: textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco*. Publicado pela primeira vez em 1967, em dois volumes, o livro teve segunda edição revista e atualizada em 2006. Trata-se de uma das intervenções mais interessantes de Ávila: o resgate de dois documentos praticamente esquecidos, mas fundamentais para a compreensão da mentalidade e da cultura em Minas Gerais no século XVIII: o *Triunfo eucarístico* e o *Áureo trono episcopal*, relatos das duas mais faustosas festas barrocas do período. O primeiro narra a transladação do Divino Sacramento da Igreja de Nossa Senhora do Carmo para a Igreja do Pilar em Ouro Preto, em 1733. O segundo relata a chegada, no bispado de Mariana, de dom frei Manoel da Cruz, seu primeiro bispo, em 1748. Mas o modo como esses documentos foram editados é também singular: são edições fac-símiles, que permitem um contato íntimo com a forma original em que foram publicados, os padrões editoriais do longo período do barroco.

Afora esses aspectos, o que já não é pouco, o trabalho reúne muito mais. Os glossários e as notas explicativas aos documentos revelam a intensa pesquisa de Ávila em inúmeros dicionários de época e bibliografia e arquivos mineiros em um período de nossa história em que praticamente eles não estavam organizados, resgatando o sentido de muitas palavras e a biografia dos personagens reais e imaginários citados. Acompanham, ainda, os volumes a tradução dos fragmentos em latim (feita pelo professor Lourenço de Oliveira), notícias biobibliográficas e exaustiva bibliografia referente a cada um dos documentos editados, além de bibliografia geral sobre o barroco (com o auxílio de Hélio Gravatá).

Ordenando o conjunto dos dois volumes, Ávila escreve um longo estudo introdutório cujo enquadramento é inovador. Em suas palavras: “deixava o percurso consagrado até então de [tratar o barroco como] fenômeno de ascendência arquitetônica e plástica e passava a considerá-lo, com certa audácia, como problema cultural mais amplo de mentalidade de época e de formação nacional”. Esse estudo será também o germe de seu trabalho de mais fôlego sobre o barroco, o livro *O lúdico e as projeções do mundo barroco*, que aprofunda diversos de seus elementos.

O “mundo barroco” no título desta comunicação quer insistir na expressão que o próprio autor emprega ao intitular suas duas obras mais importantes na área. E como a citação esclarece, trata-se, no primeiro livro, da reconstituição de uma mundivisão, tentando recuperar, pelos

aspectos da vida social e manifestações de teor cultural, “um peculiar comportamento social e existencial”, as “raízes seiscentistas da civilização implantada na capitania no século do ouro” e que repercutem singularmente na formação nacional. Da definição, enfim, “de uma singularidade cultural mineira no contexto mais amplo da cultura nacional brasileira”.

O “mundo barroco” de Affonso passa por uma adequação do conceito de barroco a nossa realidade, o que o leva a uma nova periodização, que tenha em conta as manifestações temporais variadas em que o barroco ocorreu em distintas partes do mundo. E justifica seu objetivo a partir de Wölfflin, tendo por núcleo o paradoxo (fusão dialética de temporal/espiritual, claro/escuro, tempo/eternidade etc.), que enseja “os mais diversos pontos de vista e mesmo interpretações menos ortodoxas”, além de Hatzfield, com suas periodizações variáveis de um país a outro. Daí Affonso Ávila estender o conceito, ao tomar nossa história, até o final do século XVIII, enfocando, por exemplo, as Cartas Chilenas como uma “cosmovisão barroquista”; ou verticalizá-lo, tratando da singularidade que é a primazia do visual na cultura barroca mineira; e ir além, pela sinalização da sobrevivência, nos séculos XIX e XX, de “muitos resíduos de feitio ideológico, religioso ou ético que conformam a cultura brasileira e o nosso comportamento social”. É a mesma ordem de raciocínio de Carpeaux, que ele retoma, a de que, se o barroco como estilo é um fenômeno europeu, como “sobrevivência” “é muito mais um fenômeno americano”; afinal, segundo Ávila, “a colonização americana foi decisiva para o êxito da contrarreforma”.

Mas seu trabalho mais importante sobre o barroco é o já citado livro *O lúdico e as projeções do mundo barroco*, publicado em 1971. A terceira edição, atualizada e ampliada, em dois volumes, de 1994, é a que utilizamos. O primeiro volume, “Uma linguagem *A dos cortes*, uma consciência *A dos lucres*”, aborda aspectos gerais do barroco e da formação cultural e literária brasileira. O segundo, “Áurea idade da áurea terra”, como o subtítulo deixa ver, fala da cultura barroca mineira. Nele é republicado com alterações o longo estudo introdutório de *O lúdico e as projeções do mundo barroco*, além de vários capítulos sobre aspectos diversos da cultura mineira.

O primeiro volume, mais teórico, toma o barroco não só como um estilo artístico, mas “sim como fenômeno de maior complexidade — um estado de espírito, uma visão de mundo, um estilo de vida”. Depois de séculos incompreendido, o barroco retoma seu lugar “no processo de evolução das formas artísticas”, o que uma ótica sincrônica foi capaz de fazer notar. No caso brasileiro, sua redefinição crítica interessa ao entendimento do que seja a singularidade do fato nacional. Importa vê-lo como uma das matrizes e linhas da tradição “que determinam ou presidem o nosso desenvolvimento histórico e cultural”, “nossa especificidade nacional”. Se, no geral, o barroco brasileiro seguiu o barroco europeu, por outro lado, “logrou uma autonomia de linguagem e uma fantasia de vincada liberdade de invenção”. É elemento “da moldagem de um ser cultural próprio e ibero-americano”, cujo neobarroco (e aqui pode se lembrar a ideia de obra aberta como sua realização) reafirma a originalidade de base, na reflexão de autores como Lezama Lima, Alejo Carpentier, Octavio Paz, Severo Sarduy e Haroldo de Campos.

Mas, se confiarmos no título do livro, talvez a mais importante contribuição das reflexões de Affonso Ávila seja trazer a obra de “antropologia cultural” de Huizinga sobre o “lúdico” e sua “recorrência periódica” para o centro das percepções das práticas socioculturais, superando outra abordagem do jogo, a de Schiller e sua ideia do “impulso lúdico”. Outra preocupação de

fundo é pensar uma fenomenologia do espírito humano (Benedito Nunes, Moritz Geiger) que evidencie o lugar do jogo na atividade estética, como “recurso de autonomia criativa” e como “alternativa de liberdade subjetiva” (tendo o artista barroco efetuado sua rebelião por meio dele).

Essas reflexões se somam a uma bibliografia ampla de vários campos, como da história da arte (Wöfflin, Hatzfield, Werner Weisbach), da sociologia da arte e da história cultural (Hauser, Mandrou, Richard Alewin, Benjamin, Bakhtin), da linguística (Saussure, Jakobson, Spitzer), da poética (Johannes Pfeiffer, irmãos Campos), da retórica (Lausberg), da estilística e da crítica literária em sentido geral (Curtius, Barthes, Eco, irmãos Campos), algumas incorporadas nas sucessivas edições. Essa dimensão “lúdica” dos “ciclos” da literatura e da cultura brasileira, sendo o “barroco” o primeiro deles, o romantismo o segundo e o modernismo o terceiro, é claramente visual (Hatzfield) no caso do barroco, que se encena de diversos modos.

E todos esses elementos encontram-se articulados quando se trata da abordagem de objetos específicos, realizada sempre de forma inovadora. Por exemplo, há dois capítulos valiosos sobre a dimensão “lúdica” expressa pela forma visual da poesia barroca, do poeta como “jogador”, com consequências para a abordagem da poesia do modernismo, como a de Oswald de Andrade, e da poesia concreta. Neles são apresentados diversos poemas e autores cujas criações são análogas a outras ocorrências na história de espacialização da linguagem, de sua utilização gráfica e de criação a partir de sua materialidade variada.

O segundo volume, como dito, reconstitui o mundo barroco mineiro do século XVIII. Além de todos os textos republicados, o volume se abre com um capítulo geral, os condicionantes do processo urbano-cultural de Minas Gerais, além de capítulos sobre sermões na Vila Real de Sabará, as exéquias de dom João V, a Inconfidência Mineira e o teatro sob o signo de Calderón nos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais. Esses estudos estão repletos de pistas de pesquisa, são mananciais de informações.

Creio que uma das principais forças dos textos de Affonso Ávila é sua grande sensibilidade às formas e às linguagens, sendo realmente inovador nesse sentido. Embora centrados no estudo do texto barroco, os ensaios tomam diversas direções tratando de outras artes, particularmente a pintura, a escultura, a arquitetura, além da vasta gama de manifestações da cultura material e popular. Contemporâneo da história das mentalidades francesa, como ele próprio chama a atenção, sua preocupação com um estado de espírito, com as conformações de um estilo de vida, leva-o a uma atenção variada, que tanto lê um poema ou um documento quanto a forma de um epitáfio, a veste de um participante de um cortejo, um estilo de caligrafia, o frontispício de um sermão, uma festa religiosa, as exéquias de um rei celebradas em vilas de Minas com seus sermões impressos, missas e mausoléus (em sua intenção persuasória e catártica, traço de todo o barroco), os espetáculos teatrais em Vila Rica, as inscrições variadas nos templos, a sociabilidade de uma academia literária. Um conjunto multifacetado de práticas, milionário como as obras barrocas. De práticas que não ocorrem isoladamente, pois aparecem inter-relacionadas na dinâmica de pelo menos um século. É esse jogo com muitas peças aparentemente díspares que me parece inovador, criativo, capaz de impactar os trabalhos das gerações seguintes e estabelecer outro patamar de discussão e de reflexão sobre como operarmos com o material histórico da vida sociocultural.

Pois bem: exatamente entre esses dois livros, *Resíduos*, de 1967, e *O lúdico*, de 1971, está a revista *Barroco*, criada por Affonso Ávila em 1969 e dirigida por ele durante 27 anos, até 1996, quando publica o número 17. Affonso já tinha experiência com periódicos, tendo editado a revista *Tendência* em 1957. Mas agora se trata de um projeto de grande envergadura, ainda sem outro exemplo, me parece, em nossa história editorial de revistas no campo da história da arte e da cultura, por conta principalmente de sua longevidade, do tratamento editorial e da qualidade dos materiais.

Pela revista passaram dezenas de pesquisadores do mundo e do Brasil, mantendo vivo um debate acalorado e gerando diversas pesquisas como desdobramentos. Nela podemos ler textos de Curt Lange, Germain Bazin, Christopher Lund, Gerald Moser, Eugenio Donato, Cesáreo Bandera, Vitor Serrão, Sylvio de Vasconcellos, Hélio Gravatá, Heitor Martins, Benedito Nunes, Fernando Correia Dias, Myriam Ribeiro, Melânia Silva de Aguiar, para ficarmos apenas com nomes talvez mais conhecidos, afora muitos textos do próprio Ávila, artigos, resenhas, notas, sempre atento à bibliografia internacional. E isso numa época em que não era simples a atualização de dados como hoje. Chamam atenção, ainda, o projeto gráfico, o uso de papéis de qualidade e cores diferentes, a publicação de documentos e bibliografias sistemáticas, fac-símiles de poemas, cadernos de caligrafia, capas de obras raras etc. Uma publicação sobre o barroco, no qual a visualidade é tão importante, não poderia ser de outra forma.

Mas, no mínimo, cinco outros trabalhos têm de ser mencionados nessa atividade de difusão e multiplicação dos estudos sobre o barroco, por revelarem as diversas frentes de intervenção de Affonso: o livro *Iniciação ao barroco mineiro*, de 1984, em colaboração com Cristina Ávila Santos, com dois pequenos textos de natureza teórica e didática, que abordam principalmente a arquitetura, ornamentação, equipamento litúrgico, talha e pintura de igrejas e capelas, além de muitas reproduções fotográficas, úteis exatamente para alguém que se inicie no tema. O segundo é o extenso volume *Barroco mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação*, de 1979, com João Marcos Machado Gontijo e Reinaldo Guedes Machado, cuja segunda edição, de 1996, saiu também em CD-ROM. Traz muitas imagens e desenhos, básicos num trabalho dessa natureza, obra de referência imprescindível para qualquer estudioso dessas áreas e temas da arte e da cultura do período. Em terceiro, o volume *Barroco: ensaios de teoria e análise*, com introdução, coordenação e organização de Ávila, publicado pela editora Perspectiva em 1997. Em quarto, *Catas de aluvião: do pensar e do ser em Minas*, que saiu em 2000. Livro saboroso e abrangente das coisas de Minas, reunindo material disperso que ele publicou em jornais e revistas. A primeira parte, “Tatibitate: escrita da puberdade crítica”, traz textos diversos no âmbito da história política, social, econômica das Minas nos séculos XVIII e XIX. Também aborda diversos prosadores, como Guimarães Rosa, Cyro dos Anjos, Mário Palmério e Silviano Santiago. E há capítulos sobre muitos poetas e obras, Cláudio Manuel de Costa, *Cartas chilenas*, Alvarenga Peixoto, Drummond. Em quinto, o breve volume *Circularidade da ilusão e outros textos*, também de 2004 (Perspectiva), em que aborda a circularidade cultural, a tendência cíclica dos processos socioculturais, retomando o barroco e suas relações com a contemporaneidade.

Por fim, há vários textos de Ávila espalhados em revistas e jornais, entrevistas onde muitos desses temas são abordados, além de resenhas e ensaios sobre seus livros, em parte presentes

no volume *Fortuna crítica de Affonso Ávila*, publicado em 2006, mesmo ano em que saiu *Minor: livro de louvores*, com textos breves anteriormente publicados em periódicos, e diversos deles retomam os temas do barroco, principalmente na parte intitulada “Sinais”.

É possível, agora, voltar à primeira questão e indicar como os traços imaginados como próprios do barroco se articulam com a contemporaneidade. Um dos pontos centrais é a primazia do visual na cultura barroca mineira, uma “consciência ótica”, tal como a do século XX. A ambivalência semântica, com suas antinomias, paradoxos, paronomásias, polissemias, “está identificada ainda, ontologicamente, com a consciência dilemática do ser barroco”, análoga aos dramas do homem contemporâneo, o que só se tornou visível pela ótica sincrônica adotada para a análise da literatura e da cultura.

Foi a partir dos quadros do presente, portanto, que o barroco se tornou objeto essencial do passado, capaz de dialogar com nossa época e indicar caminhos para lidarmos com nossos problemas. Nas palavras de Affonso Ávila: “A atração exercida pelo barroco sobre a inteligência e a sensibilidade modernas decorre, sem dúvida, das similitudes e afinidades que aproximam duas épocas cronologicamente distantes entre si, dois instantes porém da civilização ocidental que colocam em crise os mesmos valores, dois homens que experimentam com isso uma análoga perplexidade existencial, duas artes que repercutem em sua linguagem uma bem parecida pressão de historicidade e uma idêntica instabilidade das formas”. Quero crer que a obra poética de Affonso Ávila é o melhor resultado, na poesia brasileira contemporânea, desse modo de ler o barroco e o presente.

Notas

- * Este texto foi apresentado em uma das mesas-redondas organizadas sobre Affonso Ávila na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, em setembro de 2013.
- ** RONALD POLITO - poeta, ensaísta, tradutor e historiador brasileiro.